

# O SEGREDO *da* LIVRARIA *de* PARIS



«Uma história maravilhosa  
que ficará na memória  
e no coração dos leitores.»

By the Letter Book Reviews

★★★★★

TOP  
SEL  
LER

LILY GRAHAM

*Para os meus pais, com amor*

# Capítulo 1

A idosa no comboio não tinha o ar de ser alguém que guardava um segredo sombrio a arder no fundo do peito. Daqueles segredos que se enrolam à volta do coração, mais apertados do que um punho cerrado, a ponto de explodir.

*Mas guardava.*

Um segredo que, se se atrevesse a sussurrá-lo, chocaria ainda agora, volvidos tantos anos, quem estivesse à sua volta.

Desconhecidos que nunca poderiam ter imaginado o que escondia o rosto fatigado da mulher sentada à janela fustigada pela chuva, apertando um xaile de caxemira *bordeaux* ao pescoço, com os dedos vermelhos, nodosos e doridos pela chegada repentina do frio.

Os jovens não pensam nos velhos dessa maneira. Não veem as cicatrizes provocadas pelo tempo, os desgostos de amor, a alegria. Veem apenas o rosto inexpressivo da velhice.

É claro que a jovem de cabelo negro e olhos cansados, dona de uma volumosa mala de computador portátil que lhe batia na anca, a mesma jovem que tinha ajudado a idosa a arrumar a mala na bagageira por cima dos assentos, também não pensava nela desse modo. Se lhe dedicou algum pensamento, foi meramente para considerá-la alguém que precisava de ajuda ou, talvez, alguém que não se iria importar que ela se sentasse no lugar vazio a seu lado, onde planeava

rever calmamente as notas para a palestra que ia dar no dia seguinte. Jurando, como fazia todas as semanas, que tinha chegado a hora de procurar outro emprego.

A mala azul-cobalto da velhota era antiquada, daquelas cheias de autocolantes relativos a lugares longínquos. A jovem afastou o cabelo lustroso para trás do ombro e cerrou os dentes ao levantar a mala para a colocar no espaço disponível acima das suas cabeças, usando o cotovelo para a manter no sítio ao senti-la escorregar, e arrependendo-se de ter oferecido ajuda quando ela quase lhe caiu na cabeça. Murmurou uma asneira por entre dentes e aclarou a voz logo a seguir, notando que a idosa a olhava de relance, de sobrolho franzido, e tentava, algo desajeitadamente, levantar-se para ajudar.

— Eu consigo, não se preocupe — disse ela, esboçando um sorriso forçado.

Lá consegui finalmente alçar a mala, enfiando-a entre uma lata de chocolates e uma mochila cilíndrica cinzenta, e sentar-se. Encheu as bochechas de ar, coradas devido ao esforço, e soprou.

— Era mais pesada do que parecia. Não me diga que está a fugir com as últimas joias dos Romanov.

A velhota arregalou os olhos verdes.

— São apenas as minhas memórias. Tornam-se mais pesadas à medida que vamos envelhecendo. Sobretudo quando as emolduramos.

A jovem riu-se, mostrando duas fileiras de dentes muito direitos e brancos.

À sua volta ainda entravam pessoas no comboio que vinha de Moscovo, arrastando os tróleys, de óculos embaciados pelo calor repentino no interior da carruagem e com os rostos divididos entre o entusiasmo e a resignação, marca da maioria dos viajantes que têm uma longa viagem de comboio pela frente, desta feita tendo Paris como destino.

Do altifalante, ouviu-se uma gravação a anunciar que o comboio iria partir dentro de minutos.

A jovem instalou-se no seu lugar e massajou o pescoço, cortesia das duríssimas almofadas do hotel sem interesse onde a tinham albergado, perto do escritório de Moscovo. Abriu o portátil e tirou os auscultadores, de modo a abafar quaisquer distrações quando se concentrasse no trabalho; mas, em vez disso, virou-se para ela, incapaz de conter a pergunta que, graças às palavras da mulher, lhe surgia agora nos lábios:

— A senhora viaja com as suas fotografias?

A mulher anuiu, e uma madeixa de cabelo alvo como a neve escapou-se do carrapito na nuca, que ela arrumou atrás da orelha com uma mão ligeiramente trémula. As suas unhas estavam limadas em ovais cor de pérola. Havia um leve indício de perfume, floral, agradável e caro.

— Gosto de manter aqueles que amei perto de mim, para onde quer que vá.

Qualquer comentário impertinente que a jovem tivesse pretendido fazer — como sugerir que a idosa considerasse a possibilidade de optar pelo digital no futuro — morreu antes de lhe sair da boca, uma vez que as palavras da mulher mais velha tinham tocado algo no seu íntimo: a dor estéril de se sentir a falta de alguém que talvez nunca mais se volte a ver, uma dor demasiado real desde que a sua mãe falecera dois anos antes. Mordeu o lábio inferior, como que para voltar a guardar a emoção dentro de si, e disse, em vez disso:

— Eu percebo. Sente-se em casa onde quer que vá. Isso é... adorável.

A velhota assentiu com a cabeça.

— Contudo, não é a mesma coisa que ter os meus entes queridos realmente comigo. Presumo que seja por isso que regresso a Paris, passados tantos anos. Nem posso acreditar.

A jovem deu conta de um sotaque leve, inglês misturado com outra coisa, talvez francês.

— Para si, casa é em Paris? — perguntou. — Já agora, chamo-me Annie.

— Valerie — disse a velhota com o género de sorriso que transformava alguns rostos, revelando a jovem escondida por detrás da passagem do tempo. — Sim, suponho que Paris seja a minha casa, embora tenha passado grande parte da minha vida fora dela. Tenho passado os últimos anos a viajar, desde que o meu marido faleceu. Sempre quis ir à Rússia, e pensei, bem, porque não agora? Mas primeiro andei por outros lados. Praga, Istambul, Marrocos..., mas sim, quando penso nisso, Paris é sempre a minha casa. É engraçado como isto funciona, não é?

Annie encolheu os ombros.

— Nunca vivi noutra lugar, por isso, casa para mim é sempre uma casinha no campo, no condado de Kent. É mais fácil, creio eu, quando é tudo o que conhecemos. Não me imagino a viver mesmo em Paris, parece-me incrível. Baguetes e croissants sempre que quisermos, cafés que se estendem pelos passeios, a moda... — Suspirou de olhos brilhantes, imaginando o romantismo de viver na Cidade Luz — E o amor. Sempre quis ganhar coragem para me mudar para lá. Talvez um dia...

A velhota anuiu.

— Também não me imaginava a viver lá quando tinha a sua idade, quando me mudei para lá sozinha. Estava assustada, na verdade. Parecia que nunca me iria conseguir integrar. Eu não estava propriamente na moda. Era bibliotecária assistente... ai, até ao tutano, com os meus sapatos de couro pesados e bombazinas.

Annie sorriu de orelha a orelha.

— Isso agora está na moda, o *nerd* sofisticado.

Valerie riu por entre dentes, um riso rouco que dava uma ideia falsa da sua idade.

— Então o que a fez decidir mudar-se para Paris naquela altura? — perguntou Annie.

Os dedos da velhota brincavam com um anel com sinete na sua mão esquerda.

— Queria saber onde estava a minha família. Estava desesperada, e essa necessidade acabou por se revelar mais forte do que o medo.

O comboio pôs-se em marcha, deixando para trás a estação, num desfoque cinzento e azul de homens e mulheres que se apressavam para os seus destinos, rumo ao choque repentino do verde e dourado do campo. Anunciou-se pelo altifalante que estavam disponíveis bebidas na carruagem do meio, com uma seleção de refeições quentes e frias.

Annie estava desejosa de ouvir mais, mas viu Valerie a olhar para trás e tentou adivinhar:

— Café? Posso ir buscar um para cada uma.

— Isso seria ótimo — disse Valerie, abrindo a bolsa e entregando-lhe uma nota. — Simples, por favor. Pago eu.

— Muito obrigada — disse Annie.

Enquanto Annie atravessava a carruagem, tentando desviar-se dos cotovelos e dos joelhos dos outros passageiros, desesperada por uma dose de cafeína, Valerie pensava no passado. Como podia não pensar se, afinal de contas, fora o que determinara a sua viagem? Regressaria finalmente ao lugar onde tudo tinha começado, onde a sua vida tinha mudado por completo, volvidos tantos anos.

Havia uma parte de si que não conseguia deixar de sentir a mesma excitação que experimentara ainda jovem, ao fazer uma viagem semelhante a esta, há cerca de quarenta anos. Voltou a rodar o anel no dedo, uma coisa berrante e de mau gosto feita de latão. Era um hábito nervoso que não conseguia perder.

Annie voltou, entregando-lhe um copo de esferovite cheio de café fumegante, tal como ela tinha pedido, olhando de seguida para o anel que Valerie rodava no dedo, sem tecer qualquer comentário.

Ao ver onde recaía o olhar de Annie, Valerie encolheu ligeiramente os ombros.

— Pertenceu ao meu avô, há uma eternidade, e, sim, é horrível, mas adoro-o apesar disso. Porque era dele — revelou, soltando um riso breve e bebendo um pouco de café.

Annie fechou o portátil e deu também um gole no seu café. Sentia curiosidade em relação à mulher sentada ao seu lado, apesar

de saber que deveria rever o seu trabalho — estava, no mínimo, a distrair-se. Sempre tivera fascínio por pessoas e pelas suas histórias; por vezes, como agora, não conseguia conter-se.

— Disse há bocado que foi para Paris para se reencontrar com a sua família. Eram franceses?

Valerie anuiu.

— Fomos separados pela Segunda Guerra Mundial, era eu ainda uma criança. Fui levada para morar com uma parente afastada em Inglaterra. Disseram-me que era para minha segurança. Só voltei a reencontrar a minha família verdadeira em adulta.

— Lamento — disse Annie, que não conseguia imaginar o horror de tudo aquilo.

Valerie encolheu os ombros.

— Enfim, é só mais uma baixa de guerra. Aquilo que tantos homens não conseguiram perceber depois de tantas guerras é que, afinal de contas, não existem vencedores, apenas baixas de guerra que continuam a surgir muito depois de a batalha terminar. Eu tinha 20 e poucos anos quando descobri que a minha família ainda estava viva. Bem, em todo o caso, pelo menos um membro.

— Não sabia? — sussurrou Annie.

— Não fazia ideia. Disseram-me que estavam mortos. Fui criada pela prima da minha mãe. De modo a evitar demasiada confusão, disseram-me para lhe chamar «Tia Amélie». Ela tinha-se casado com um inglês durante a guerra, o meu tio John, e fui viver com eles. Disseram-me que, depois de a minha mãe ter morrido, não havia mais ninguém vivo, excetuando a Amélie. Quando fiz 20 anos, ela sentiu que eu merecia saber a verdade. Só agora, que sou velha, é que talvez tenha começado a perceber por que razão fizeram o que fizeram. Como pensaram que a mentira me pouparia à dor. — Valerie suspirou de tristeza. — Para alguns, a verdade é um fardo. Algo que, uma vez libertado, não se pode voltar a guardar. Uma caixa de Pandora. Para mim, no entanto, era o contrário. Era uma âncora presa ao passado que me dava uma sensação de pertença, mesmo que dolorosa.



Annie pousou os auscultadores. Quando os colocou junto ao portátil, suspeitou que não o abriria durante o resto da viagem.

— Então decidiu ir a Paris em busca da sua família? Descobrir por que razão o facto de estarem vivos ter sido mantido em segredo?

Valerie anuiu.

— Foi em 1962, e embora já tenham passado muitos anos, ainda me lembro onde estava sentada quando entrei no comboio de Calais. Na altura não fiquei com o lugar à janela — disse, com um pequeno riso. — Nevava, e ainda conseguia ouvir as palavras da Amélie. *Não faças isso, Valerie. Por favor, não faças isso.* Mas tinha de ser.

— Ela não queria que os procurasse, mesmo depois de lhe ter falado deles? — perguntou Annie, franzindo o sobrolho. — Porquê?

Valerie rodou o anel.

— Era mais uma questão de não me querer desiludida. Afinal de contas, tinham desistido de mim. Ela não queria que eu tivesse esperanças num reencontro de conto de fadas. Não queria que eu abrisse uma ferida que poderia nunca mais fechar. Mas eu não ia em busca de um conto de fadas. Apenas da verdade. Eu tinha de descobrir por que razão fizeram o que fizeram. Por que razão me tinham enviado para um país estrangeiro para ser criada por outra pessoa, uma estranha, na verdade, ainda que fôssemos parentes afastadas.

O comboio acelerou, e Annie foi arrastada com ele pelas palavras da velhota, deslocando-se pelos campos caqui e dourados rumo ao passado.

# Capítulo 2

*Paris, 1962*

Precedido pelo apito, o comboio entrou na estação envolto em nevoeiro e frio. Valerie esticou o pescoço para olhar pela janela, para lá da mulher sentada ao seu lado.

*Paris.*

Nem acreditava que ali estava, que tinha acabado por conseguir fazer a viagem.

Os passageiros endinheirados esticavam os membros preguiçosos e vestiam os casacos, colocavam os cachecóis e os chapéus que tinham retirado horas antes em Calais.

Uma velha murmurou por entre dentes:

— *Névé.*

Neve: conseguia cheirá-la no ar.

Valerie tremia dentro do seu casaco emprestado, embora mais de nervosismo do que do frio.

Ali estava ela, uma figura franzina, característica enfatizada ainda mais pelo pesado casaco de *tweed* que lhe chegava aos pés, disforme como uma tenda e ainda impregnado do odor a Freddy, que lho tinha colocado sobre os ombros. Inspirou essa mistura de *aftershave* e de algo que lhe fazia sempre lembrar de casa. Antes de ela ter embarcado no *ferry*, ele tinha encostado a cabeça à testa dela e dito:

— Não precisas de fazer esta viagem. Sabes disso, certo? Podíamos ter a nossa própria aventura aqui, só tu e eu.

Ela acenara com a cabeça, com um nó na garganta por ter de partir. Contudo, se não o fizesse agora, nunca o faria.

Valerie fechou os olhos. Pensar em Freddy não era grande ajuda, agora. Por baixo do casaco disforme trazia o fino casaco de malha cor-de-rosa, esburacado no cotovelo esquerdo e com os botões de pérola desbotados, que a tia Amélie tinha costurado quando ela tinha 13 anos. Até agora, nunca se preocupara com a falta de estilo.

Tirou a mala velha da tia, amarrada com um cordel para não se abrir, da bagageira. Uma mulher com um lenço de seda habilmente atado à volta do pescoço olhou-a de cima a baixo, parecendo registar o seu sobretudo surrado e os seus sapatos de couro castanhos com algo semelhante a pena. Valerie desviou o olhar, tocou na carta dobrada no bolso do casaco, sentiu a ponta afiada do envelope — que se transformara numa dobra arredondada por causa dos seus dedos preocupados — e ganhou coragem; era por *isto* que ali estava. Não tinha tido tempo para reunir algo elegante. Não que tivesse dinheiro para tais coisas. Os últimos tempos tinham sido difíceis.

Empinou ligeiramente o queixo. Em seguida, abriu a mala, despiu rapidamente o casaco, vestiu mais uma camisola de lã e enrolou um cachecol tricotado ao pescoço. Se estava a nevar, ela estava preparada. Mesmo que não estivesse preparada para mais nada.

Ele tinha enviado um mapa, a par da carta. Fora atencioso da sua parte; mais tarde ela também se daria conta de quão pouco tinha isso que ver com ele. Embora a entristecesse um pouco pensar que o seu parente mais próximo vivo precisasse de enviar um mapa para ela o descobrir.

Ainda assim, depois do dia de hoje, voltariam a estar juntos. Isso era o mais importante.

O trabalho ia ajudar. Ela tinha mais sorte do que a maioria. Para além disso, o anúncio tinha dito que não era necessário ter experiência, apenas amor pelos livros. Bem, isso ela tinha, não era? Enquanto bibliotecária experiente e ex-livreira, Valerie tinha mergulhado nos livros como algumas mulheres mergulhavam nos braços dos homens: de cabeça e sem salva-vidas.

As palavras de Amélie voltavam a ressoar-lhe na cabeça.

— Isto não é como uma história de um dos teus livros, Valerie. Não sei qual será a reação dele quando descobrir. Vincent Dupont foi sempre um homem imprevisível. Pode não reagir como esperas, quando descobrir que vieste.

Não importava, pensou Valerie. Para além disso, as pessoas que não liam achavam que todas as histórias eram contos de fadas. Não eram. As boas histórias ensinam quem podemos ser se tentarmos. Caso saíamos da nossa zona de conforto, do que é seguro e do que é conhecido. A única coisa que ela precisava agora era de ganhar coragem.

Ao sair da estação, para longe da multidão, teve uma primeira visão de Paris e sentiu um arrepio de alegria, como se houvesse uma bolha a flutuar debaixo dos seus pés, conferindo aos seus passos uma leveza e ousadia novas, afastando a fadiga da viagem. Apesar do frio, havia no ar um toque dourado, como a efervescência do champanhe, e pintava os edifícios de um brilho âmbar-rosado.

Da última vez que tinha cá estado, com 3 anos, percorrera as ruas com a tia para sair da cidade. Se fechasse os olhos, quase o conseguia recordar. Os seus passos nas pedras da calçada, os olhos cinzentos e preocupados da sua tia, a pressão do seu braço no dela, firme e implacável, mesmo quando Valerie se queixava de estar cansada. Enquanto caminhavam, apressadas, viu ao longe um grupo de soldados de uniforme a entrar na rua. Amélie parou, e Valerie pôs-se atrás das suas pernas. Em seguida, a sua tia virou-se e disse-lhe para estar calada, que precisavam de ir por outro caminho. *Agora*. Quando ela hesitou, o seu braço foi

puxado para não ficar para trás. Havia lágrimas nos olhos de Valerie, mas já não chorava, apenas fazia o que Amélie lhe dizia. *Vite*. Depressa.

Valerie não sabia se era uma memória ou, simplesmente, uma invenção da sua mente depois de Amélie lhe ter contado o episódio, mas parecia-lhe real.

Desceu a Rue des Arbres, passando por edifícios com estátuas esculpidas nas fachadas, por esplanadas que, inclusive ao frio sol de outono, com a sua previsão de neve não sazonal, se estendiam sobre as calçadas, trazendo consigo o cheiro a *café noir* e a bagnetes acabadas de cozer, e o som das pessoas.

Dirigiu-se para a zona de Saint-Germain-des-Prés, o recreio dos artistas e vagabundos, que nos últimos anos fora recuperado por escritores e feministas, pensadores revolucionários, músicos de *jazz* e uma mistura de culturas.

Apesar do mapa, depressa se perdeu, caminhando ao longo das ondulações serpenteantes do Sena, maravilhando-se com tudo o que via, apesar de não fazer ideia de onde estava. Quarenta e cinco minutos depois encontrou a livraria, encaixada entre um pequeno restaurante e uma florista, na Rue des Oiseaux. Chamava-se Gribouiller: «rabiscar». Um toque de fantasia que ela mais tarde acharia improvável, na melhor das hipóteses, ou ridículo, na pior.

Hesitou à porta de madeira grossa, da cor de ovo de pata, espreitando através da pequena janela onde se encontrava gravado, em letras douradas desbotadas pelo tempo, o nome da livraria. Rodou a maçaneta de latão, e a campainha por cima da porta tilintou.

No interior, um feixe de luz filtrado pela janela pousava sobre um velhote com cabelo de algodão em rama, a um canto, sentado a uma grande secretária de mogno com o tampo coberto de livros, cartas e cinzeiros a transbordar. Tinha um cigarro nos lábios e, sem levantar os olhos, acenou com uma mão fina cujos dedos médio e indicador estavam manchados de castanho devido aos seus cigarros.

— Um franco pelos livros novos, 50 cêntimos pelos velhos. Esteja à vontade — disse ele numa voz rouca.

Valerie hesitou, consciente do som pesado que os seus sapatos de couro produziam no chão de madeira poeirento. Aproximou-se da secretária tanto quanto se atreveu, assimilando com o seu olhar as filas de estantes brancas feitas à medida e as pilhas desordenadas de livros que tentavam ganhar posição sobre cada centímetro disponível da livraria. O seu coração batia com força, agora que ali estava. Agora que não havia volta a dar.

— *Bonjour, Monsieur*. Estou aqui por causa do cargo.

— Cargo? — disse ele, franzindo o sobrolho e mantendo o olhar sobre o livro-razão que tinha à frente. Piscando os olhos azuis e remelosos, removeu um par de óculos de arame do seu nariz, colocando-os em cima da secretária com um pequeno suspiro audível, relutante em ser afastado do seu trabalho.

— O cargo de livreiro.

O homem olhou finalmente para cima e reclinou-se na sua poltrona castanha. Havia um rasgão de lado, expondo uma grande porção de estofa. Parou a meio de um bafo no seu cigarro e olhou para ela de sobrolho franzido através do redemoinho de fumo cinzento-azulado, como se o que via não lhe proporcionasse também muitas respostas.

— É inglesa — disse ele passado um momento. Não era uma pergunta, era uma mera afirmação.

— Sim — respondeu ela. Não conseguiu impedir o tom esganiçado na sua voz. Pigarreou. — Escrevi-lhe há uns tempos — continuou, tentando avivar-lhe a memória e sentindo algum receio ao ser assaltada por um pensamento incómodo. Ter-se-ia ele *esquecido*?

Tirou a carta do bolso do casaco com dedos trementes, pensando em entregar-lha. Não tinha mais de uma semana, mas tinha sido torcida e dobrada e lida tantas vezes que parecia ser parte dela.

O velho franziu a testa e voltou a colocar os óculos de arame. De seguida, levantou-se com um gemido e avançou para inspecionar Valerie. O que via não parecia impressioná-lo; ela tinha despedido

o casaco, revelando duas camisolas de malha, uma comprida saia de veludo castanho e, pousada junto aos seus sapatos de sola grossa, a sua mala desgastada.

O velho franziu ainda mais a testa perante aquele cabelo dourado e aqueles olhos verdes, acenando ligeiramente com a cabeça, embora sem fazer qualquer gesto para receber a carta.

— Você é a rapariga, a académica — disse ele, fungando, embora os seus olhos azuis parecessem ligeiramente menos impassíveis do que antes, pensou Valerie. Mas isto podia muito bem ter sido uma ilusão de ótica. Ele estalou os seus dedos manchados de tabaco, como se tentasse avivar a memória, e um montículo de cinza caiu no chão junto aos sapatos dela, polvilhando-lhes a superfície engraçada. — Aquela... aquela daquele artigo.

— «Os desafios da venda de livros durante a guerra: um estudo sobre duas cidades durante o *Blitz* e a Ocupação» — citou Valerie. — Sim, sou a Val... — Parou de falar, corrigindo logo de seguida, falando mais alto. — Isabelle Henry.

Deu um nome falso, esperando que ele não tivesse dado conta do erro. Falavam em francês. Ela sabia que com ele teria de ser assim. Tinha sido avisada por Amélie.

— Vincent Dupont — disse ele, olhando brevemente para a mão estendida com o sobrolho cinzento levantado e soltando um pequeno «pfft» com os lábios. Ela baixou a mão rapidamente e sorriu, constrangida.

Olhava-o fixamente, absorvendo tudo, desde os cabelos brancos ao nariz comprido, que se avolumava ligeiramente na ponta, aos seus olhos azuis, claríssimos e penetrantes, às suas costas curvadas, às calças e mocassins curtidos, e ao casaco de malha cor de esmeralda com remendos de couro nos cotovelos, onde um livro com uma capa amarela dobrada repousava contra a sua cintura, enterado no bolso esquerdo.

Ele acenou ligeiramente com a cabeça.

— Vou levá-la ao seu quarto. Não é grande coisa — avisou, conduzindo-a a um lanço de escadas atrás da secretária, que dava

para o apartamento e para o pequeno quarto que lhe estava destinado, o qual, de acordo com o anúncio, tinha uma cama de solteiro, um lava-loiças e uma chaleira. Esta, presumia ela, era a *pièce de résistance* na procura de alojamento de luxo. Chá e açúcar não estavam incluídos. *Monsieur Dupont* não geria uma instituição de caridade. Ela não se importava. O mais importante era que estava finalmente ali.

Sentia o coração aos saltos enquanto o seguia. As escadas estavam azulejadas a preto e branco, espiralando como uma concha de turrítela, e, para sua surpresa, deu-se conta de que as reconhecia. Conseguia ver-se num par de sapatos vermelhos que cintilavam ao sol, a jogar à macaca quando era menina. Soltou um suspiro perante esta memória súbita, há muito esquecida.

*Uma memória deste sítio.* Encostou uma mão à parede para se equilibrar, dando conta de que as paredes tinham mudado — antes eram brancas, mas agora estavam cinzentas e a descascar, a precisarem de tinta fresca. Costumava haver um corrimão de latão, mas também isso já desaparecera, substituído por uma barreira de plástico barato.

Não percebendo o momento de choque e surpresa de Valerie, a tomada de consciência de que já tinha ali estado, *Monsieur Dupont* virou-se para ela, estreitando os intensos olhos azuis, avermelhados à volta.

— Não vai mudar de ideias agora, pois não? Está tudo limpinho. Expliquei-lhe que terá um pequeno quarto no apartamento por cima da livraria. Tenho a certeza de que na carta nunca dei a entender que seria uma suite no George V — disse ele, num tom cansado e impaciente.

Ela abanou a cabeça e agarrou a mala com força, esboçando o que Freddy dizia ser o seu sorriso radiante.

— Ah, não, por mim está perfeito, obrigada. É maravilhoso.

Ele olhou para ela, estranhando o entusiasmo exagerado.

— Ainda nem o viu.

Ela corou ligeiramente.



Ele rodou a maçaneta de latão e deixou-a entrar num pequeno apartamento inundado por uma luz que se estendia pelo chão de madeira polida num padrão espinhado. Havia janelas amplas com vista para as ruas de Paris, com a Torre Eiffel ao longe. À frente da sala de estar havia uma cozinha, com uma mesa redonda e uma pequena prateleira que albergava uma fina pilha de livros de cozinha envelhecidos.

Ele mostrou-lhe a casa de banho, levando-a de seguida a um quarto minúsculo ao fundo do apartamento. Destrancou a porta, que teve de forçar um pouco para abrir. O interior cheirava a bafio e abandono. Havia uma cama de solteiro coberta com uma manta de retalhos, um armário de criança, uma pia enferrujada a um canto e, num banquinho aos pés da cama, junto a uma janelinha, a famigerada chaleira, com uma caneca e uma colher de chá. Se esticasse os braços podia tocar em ambos os lados das paredes.

— É ótimo. *Merci* — agradeceu.

Ele fez um barulho de concordância.

— Vou deixá-la desfazer as malas antes de começarmos a trabalhar. A livraria está aberta seis dias por semana, com um intervalo para almoço a partir das 14 horas. Depois de volta ao trabalho das 17 às 21. Será um problema para si?

Ela abanou a cabeça.

Ele acenou e virou-se para sair, mas deteve-se, inclinando a cabeça e olhando-a de sobrolho franzido. Ela perguntou-se se, por um momento, ele a reconhecera finalmente. Mas ele disse:

— Peixe?

— Peixe?

— Come peixe? — Ela assentiu com a cabeça. E ele saiu do quarto dizendo: — *Bon*, jantar.

Ela sentou-se na cama depois de ele ter saído, tentando abrandar o coração enquanto desenrolava o cachecol de lã grossa do pescoço, olhando em volta.

Ele não a tinha reconhecido. Por um momento, ela tinha sustido a respiração, achando que ele teria percebido quem ela era, visto algo familiar nos seus olhos, no seu sorriso. Mas não.

Respirou fundo, repreendendo-se pelas suas ideias românticas. Ele não a via há dezassete anos e, além disso, ela não lhe tinha dado o seu nome verdadeiro. Suspeitava agora que, se o tivesse feito, era muito provável que a tia Amélie tivesse razão: ele *tê-la-ia* expulsado.

# Capítulo 3

*Três semanas antes*

*Londres*

O anúncio para o cargo de livreiro na Gribouiller era uma coisa minúscula, espremido entre uma vaga para um posto numa fábrica de computas em Lyon e outra para um costureiro em Montmartre, medindo apenas três linhas. No entanto, para Valerie, era como se estivesse escrito em letras garrafais na primeira página. O nome da livraria tinha saltado das páginas e parado o seu coração.

Freddy tinha-lho tirado das mãos, colocando-o sobre a mesa de madeira pegajosa do seu *pub* preferido, que cheirava sempre a cidra velha e a *Scotch eggs*.

— Nem penses nisso — avisou ele. Ela levantou o olhar, cruzando os seus olhos verdes com os olhos castanhos dele. Ela tinha aquela expressão que ele tão bem reconhecia. — Eu *sabia* que devia ter guardado isto para mim.

Fora ele quem encontrara o anúncio, num exemplar do *Le Monde* da semana anterior. Desejava agora não lho ter mostrado.

Ela esboçou um sorriso relutante, apesar de sentir que tudo saía dos eixos, agora que tinha visto o anúncio.

— Não eras capaz.

Ele pousou a cabeça nas mãos abertas, despenteando o cabelo castanho indomável ainda mais do que o habitual. Freddy possuía um ar de menino que o acompanharia até ao fim dos seus dias.

Foi o que fez dele um jornalista tão bom: ninguém o levava a sério até ser demasiado tarde.

— Pois não — Freddy era o primeiro a admitir que, no que dizia respeito a Valerie, ganhar perspetiva era um objetivo inalcançável.

Ela engoliu o resto da cerveja quente dele, fez uma careta e levantou-se, fazendo-lhe uma saudação enquanto se preparava para deixar o calor do *pub*.

— Tenho de apanhar ar, aclarar as ideias — disse ela, nem dez minutos após se terem sentado à mesa.

Freddy observou-a, confuso.

— Bem, vemo-nos mais logo, não é?

Ela acenou distraidamente com a cabeça. Apenas conseguia pensar nas palavras do anúncio, que lhe reverberavam na mente como o batuque de um tambor: «Procura-se assistente de livraria, deve gostar de ler, não é necessária experiência, quarto disponível com *chaleira*.»

Parecia um sinal. Uma porta de entrada.

Saiu do *pub* em transe e percorreu à chuva as ruas do norte de Londres. Passou essa noite a redigir a carta, contando tudo ao seu avô menos a verdade — o seu interesse por literatura francesa, o seu amor pela leitura, o seu desejo de passar um ano no estrangeiro, a oportunidade que tal cargo lhe daria para completar a sua educação, e o artigo ficcional que estava a escrever sobre a venda de livros durante a Segunda Guerra Mundial. Apelando ao seu orgulho francês, ao afirmar que estava certa de que tinha sido mais difícil durante o *Blitz* do que durante a Ocupação... algo lhe dizia, pelo que a tia Amélie tinha explicado a respeito do temperamento dele, que isto poderia ajudar a garantir, pelo menos, uma resposta, mesmo que mordaz. Decidiria mais tarde o que fazer se ele recusasse.

Sabia que estava a pedir muito, escreveu, mas se ele a pudesse aceitar sem a entrevistar primeiro... a viagem a Paris seria demasiado cara para o magro salário de assistente da Biblioteca Britânica que ela tinha. Propôs-lhe trabalhar gratuitamente na primeira semana, à experiência, oferecendo-se para cozinhar em troca do quarto e de

informações sobre a livraria durante a guerra, além de um bilhete de regresso a casa se o acordo não funcionasse.

Esperou impacientemente durante uma semana e meia por uma resposta, verificando a caixa de correio todas as noites, assim que chegava a casa do trabalho, mas nada chegava e ela tinha começado a perder toda a esperança.

Freddy voltou os seus grandes olhos castanhos para ela, incrédulo, quando ela lhe disse o que tinha feito.

— Oh, Val, sua tolinha — disse ele, dando-lhe um abraço. — Um período de experiência? Achaste mesmo que ele iria aceitar isso?

Ela fechou os olhos e encostou-se ao seu braço coberto de *tweed*, sentindo-se uma idiota. Freddy sempre lhe disse que ela vivia num mundo de sonhos. Mas era o que mais gostava nela — o seu eterno otimismo, a forma como ela via o mundo como ele podia ser, nunca como ele era realmente. No entanto, isso significava amiúde que as consequências eram muito piores. Estivera presente vezes suficientes, no passado, a apanhar os cacos, na qualidade de melhor amigo e vizinho do lado.

Ela estava apaixonada por Freddy Lea-Sparrow desde que se lembrava, desde o primeiro dia em que a tia Amélie a tinha apresentado ao seu vizinho de cabelo rebelde, rosto bronzeado e risonhos olhos castanhos, e apesar de ele ser vários anos mais velho do que ela, o que a obrigara várias vezes a assistir de coração partido à entrada de uma nova rapariga em cena, era um sentimento de que nunca se libertara.

Não tinha havido muito disso recentemente, sobretudo desde que o seu trabalho como jornalista do *Times* se tinha tornado tão exigente — não havia muito tempo para uma vida amorosa quando se andava atrás de uma história.

Agora, porém, perante as suas palavras, Valerie sentia como se uma pedra lhe descesse pelo estômago. Perguntava-se se seria o peso da sua própria estupidez a descer sobre si.

Era *óbvio* que o seu avô não concederia um período de experiência a uma livreira inglesa desconhecida, nem a deixaria

mudar-se para o seu apartamento: quem o faria? Porquê todo esse esforço quando poderia simplesmente contratar alguém que vivesse na cidade, alguém que poderia simplesmente expulsar no primeiro dia, se não resultasse? Alguém que não lhe estivesse a pedir tanto?

Foi por isso que nem acreditou quando abriu a porta do apartamento naquela noite e viu a carta à sua espera no porta-cartas. Pegou nela e abriu-a rapidamente.

23 de setembro de 1962

*Mlle. Isabelle,*

*Com alguma apreensão, concordo com os seus termos. Gostaria de dizer que se trata de um acordo adequado, mas aprendi que nunca devemos dizer por escrito coisas de que nos possamos arrepender. Podendo não haver nada mais de bom a esperar desta situação, como acontece quando nos vemos diante de um cão raivoso, que sirva pelo menos para conhecer o tipo de mente que imagina que vender livros durante alguns bombardeamentos seria menos agradável do que durante a ocupação de Paris pelos nazis. Considere então a minha oferta de emprego temporário como o cumprimento de um dever patriótico.*

*Contudo, devo adverti-la: quanto à posição em questão, os meus padrões são exigentes. São padrões franceses, aos quais não estará habituada, vinda de uma nação com tão poucos padrões a ter em conta. Como resultado, não prevejo que dure muito tempo. No entanto, fui persuadido a ser magnânimo, pois ainda não encontrei pessoal adequado na cidade, pelo que é possível que um milagre possa ocorrer e sejamos convenientes um ao outro, apesar de eu ter tanta fé em milagres como na culinária inglesa. Devo avisá-la também: são muitas horas de trabalho e o pagamento é inferior ao salário mínimo. Se isto for aceitável, tenho o prazer de fornecer um quarto (com uma chaleira). Devo salientar que não posso permitir que seja a Isabelle, como sugere, «a cozinhar». Sou um homem velho, que já passou por mais do que o suficiente na sua vida, e não arriscarei a «cozinha» inglesa no inverno*

*dos meus anos; estou certo de que a minha constituição não poderia suportá-lo. Se isto for do seu agrado, vemo-nos na próxima semana, à sua conveniência. Anexei um mapa.*

*Com os melhores cumprimentos,  
Vincent Dupont*

E foi assim que, numa terça-feira fria, Valerie entregou a sua demissão na Biblioteca Britânica e foi para casa contar aos tios que se iria mudar para Paris na semana seguinte, de modo a procurar o seu avô — para choque e consternação deles. Valerie sabia que, se lhes mostrasse a carta ou lhes falasse do seu plano de trabalhar para ele em segredo, isto só os teria preocupado mais. Mas foi Freddy, na verdade, quem lhe colocou mais objeções.

— Não podes ir assim, sem mais nem menos.

— Porquê?

Ele arregalou os olhos.

— E se ele for louco? Ele parece louco. E desagradável e arrogante, Val. E se ele te expulsar quando descobrir quem és? Não terás dinheiro em teu nome e ficarás presa em Paris. Não acho mesmo boa ideia.

Ela olhou para ele, para aqueles olhos castanhos que amou durante grande parte da sua vida, para o seu cabelo revoltado. Ela faria tudo por Freddy, mas isso não. Não podia ficar, agora que tinha a oportunidade de conhecer finalmente o seu avô! Saber da sua mãe, dos seus pais.

— Tenho de ir, percebes? Foi um sinal.

— É apenas um anúncio.

— Que *tu* encontraste, Freddy.

Ele fez uma careta.

— Nem me lembres.

Ela tocou-lhe no braço.

— Eu fico bem.

Ele suspirou.

— Percebo que o vejas dessa maneira, como um sinal, mas porque não fazes isto de forma mais sensata? Não podes simplesmente ir para lá a correr, sozinha...

— Porque não?

— Porque pode sair-te o tiro pela culatra. Ele entregou-te a outra pessoa por um motivo, Val. Eu sei que tu queres um reencontro de conto de fadas, mas acho mesmo que não o vais ter.

As suas palavras eram duras — eram semelhantes às mesmas objeções que Amélie lhe tinha feito no dia anterior — e os olhos de Valerie arderam quando as escudou. Era mais importante do que um conto de fadas imaginado. Porque não compreendiam eles isso?

— Não vou para lá para que possamos ter um grande reencontro ou para substituir quem eu tenho. Amo os meus tios, a minha vida em Londres. Isto é por *mim*. Eu quero respostas, Freddy, quero saber o que me esconderam toda a minha vida. Quero saber *porquê*. Não percebes?

Freddy não compreendia e nunca o compreenderia. Os pais dele tinham vivido em Simmonds Street, no norte de Londres, toda a sua vida. Era um rapaz nascido e criado em Londres, juntamente com o resto da sua família, que vivia toda não muito longe da sua porta. Os familiares mais distantes que tinha viviam em Edimburgo. Ele sabia tudo o que havia para saber sobre si e a sua família. Ele pertencia a um sítio. Valerie era uma estrangeira. Uma rapariga que tinha um ligeiro sotaque dos primeiros anos de vida ao cuidado da sua tia, onde falavam mais francês do que inglês. Como resultado, apesar de Inglaterra ser o único país que realmente conhecia, quando ia à escola e fazia amigos, destacava-se sempre de alguma forma como a rapariga francesa, apesar de ela não saber nada, exceto o básico, de onde realmente vinha.

Era um tema que nunca tinha coragem de abordar. «Isso pertence ao passado», dizia Amélie sempre que Valerie mencionava Paris, a sua mãe ou a guerra. As únicas histórias que Amélie partilhava com ela sobre a sua mãe eram as dela enquanto menina. Nunca ocorreu a Valerie que não lhe contava mais porque não a tinha realmente



conhecido. Valerie só descobriria isso muito mais tarde, quando a verdade levantaria mais questões do que aquelas para as quais ela tinha respostas — sobre as razões por que tinha sido enviada para viver com alguém que era, para todos os efeitos, uma *desconhecida*.

Havia dias em que se sentia inglesa, apesar da falta de sangue inglês. A sua vocação para os livros, os seus amigos e os seus interesses eram ingleses, e Inglaterra era a sua casa, mas, ocasionalmente, havia momentos em que simplesmente não o sentia: quando a mentira se sobrepunha a tudo o resto, quando ouvia música francesa ou a voz de uma mulher, algo lhe apertava o coração, fazendo-a imaginar *Maman*. Uma mulher que lhe disseram para esquecer, que lhe disseram ser melhor deixar no passado. Mas como poderia ela esquecer a sua própria mãe? Como poderia ela simplesmente parar de tentar descobrir o que lhe tinha acontecido? A razão pela qual as suas vidas tinham mudado. Ela nem sequer sabia como a própria mãe tinha morrido — Amélie dizia apenas que tinha morrido na guerra, não do quê ou como. Sempre que ela perguntava, os lábios de Amélie fechavam-se com firmeza. Quando pressionada, dizia que não sabia, embora Valerie soubesse, mesmo nessa altura, que não era verdade. Tudo o que realmente sabia sobre a sua antiga vida era que o seu avô tinha tido uma livraria em Paris, perto do rio, e que ainda estava vivo, que talvez tivesse respostas, as que mais ninguém lhe daria. Não era um conto de fadas: era uma *demanda*, a sua história, o seu passado.

No final, Freddy acabou por comprar o bilhete.

Uma encantadora livraria parisiense  
esconde um segredo trágico capaz  
de destruir uma família...

Valerie tinha apenas 3 anos quando viu Paris pela última vez. Perante os horrores da Segunda Guerra Mundial e das perseguições nazis, foi enviada pelo avô para Inglaterra com uma familiar, para longe do único lar que alguma vez conheceu. Duas décadas após o final da guerra, Valerie, já adulta e praticamente sozinha no mundo, está determinada a regressar a Paris e perceber o que aconteceu com os seus pais.

Ao saber através de um amigo que a livraria do avô está à procura de contratar alguém, Valerie responde ao anúncio e, dando um nome falso, trava conhecimento com o taciturno e rabugento Vincent, que não a reconhece. E é aí que, entre livros e a sombra de um passado com feridas difíceis de sarar, Valerie fica a conhecer a trágica história de uma Paris ocupada pelos nazis, de um amor proibido e de uma mãe disposta a sacrificar tudo pela sua filha.



«Aviso: este livro vai fazê-lo chorar. Uma das histórias  
mais comoventes que já li.»

*The Book Trail*

Leia também:



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

Romance Histórico

 penguinlivros.pt  
  topseller.editora

ISBN 9789896233730



9 789896 233730 >